

NUZZO, Enrico. *Tra ordine della storia e storicità*. Saggi sui saperi della storia in Vico. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2001. **Storia e Letteratura**, raccolta di studi e testi, nº 208.

*Humberto Aparecido de Oliveira Guido**

Enrico Nuzzo é professor e pesquisador de História da Filosofia na Facoltà di Scienze della Formazione da Università di Salerno. A produção filosófica de Nuzzo é muito extensa e tem como tema o pensamento moderno, que é tratado sob diversos matizes, da filosofia política à história da historiografia, abarcando não somente a cultura italiana, mas também os grandes expoentes das filosofias inglesa e francesa. O seu livro reúne alguns trabalhos relativos ao pensamento do filósofo napolitano G. Vico (1668-1744).

O prefácio do livro ficou a cargo de Fulvio Tessitore, Senador da República Italiana, ex Diretor do Centro di Studi Vichiani. Nessas páginas, Tessitore reafirma a originalidade da leitura viquiana empreendida por Nuzzo. Em seguida, Tessitore informa que Nuzzo participou do movimento de renovação da interpretação do pensamento de Vico promovida por Pietro Piovani, primeiro Diretor do Centro di Studi Vichiani. Anos mais, Nuzzo encontrou o seu lugar no círculo da crítica viquiana, alcançando destaque entre os estudiosos do pensamento de Vico.

Na introdução do seu livro, Nuzzo esclarece ao leitor que os trabalhos reunidos no livro “atestam uma dinâmica natural de interesses, perspectivas, propósitos de pesquisa” (p. xv) dedicados ao estudo da obra de Vico dos últimos vinte cinco anos. O autor avisa, ainda, que deverão ser publicados outros dois volumes relativos aos estudos viquianos, o segundo tratando da dimensão prática-política e o terceiro dedicado aos estudos lingüísticos e narrativos.

* Professor Adjunto no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, Coordenador do Grupo de Estudo da Filosofia de G.Vico.

O livro é composto de cinco capítulos, cuja unidade temática é a interpretação crítica da obra de Vico. O historicismo moderno é tratado em todos os capítulos, com maior ênfase nos três primeiros, ao passo que, no quarto capítulo o foco de análise recai sobre a polêmica sustentada por Vico frente à obra de Bayle, e, finalmente, o quinto capítulo é uma demonstração de reconhecimento do autor pelo trabalho do grande estudioso de Vico do século passado, Pietro Piovani.

No capítulo "Vico, o historicismo, os historicismos", o autor admite que o historicismo é um tema que contribui para reforçar a atualidade de Vico e atestar a modernidade do seu pensamento. A temática "Vico e a história" só é bem interpretada quando está associada ao tema "Vico e o historicismo". O texto é dedicado ao debate metodológico da historiografia, para tanto, o autor percorre os principais trabalhos que trataram da história e do historicismo na obra de Vico, sem perder de vista a obra do próprio Vico. O estudo lança luzes sobre as questões mais abrangentes do pensamento moderno, contemplando nessa discussão outros filósofos, que também tiveram importância decisiva para a fundamentação metodológica da historiografia moderna. Recorrendo a Piovani, é possível vislumbrar no pensamento moderno uma história da "consciência crítica moderna", na qual confluem a "razão matemática" de Galileu e a "razão crítica" de Kant (p. 12).

O autor prossegue discorrendo sobre a relação natureza – história, de onde deriva uma modalidade muito distinta de naturalismo na concepção de história de Vico, que associada a outros elementos de ordem eminentemente social, servem para refutar qualquer pretensão da visão justificacionista da história. O curso da história está diretamente ligado à dinâmica da ontogênese e da filogênese, é aqui que se situa o naturalismo de Vico (p.52). A conclusão do capítulo aponta para a dimensão prática da vida social, evidenciando que o trabalho de Vico está voltado para os domínios da ética.

O segundo capítulo é de extrema originalidade, aborda uma questão muito sugestiva, que é a interpretação dos tempos fabulosos, ou obscuros, promovida por Vico no início do século XVIII mediante uma nova abordagem dos poemas homéricos. A interpretação da

história fabulosa é lembrada já no título “A ‘critica di severa ragione’. Vico e a ‘hermenêutica’ dos tempos fabulosos por volta do primeiro setecentos”. Este título é uma alusão à polêmica ainda em voga na época, sobre as origens remotas do mundo civil, uma discussão sobre a primazia de um povo sobre os demais na marcha do processo civilizador.

Neste capítulo, Nuzzo não está empenhado em descrever os achados de Vico; mais atento, o autor procura discutir os aspectos metodológicos da interpretação histórica, de modo que, o intento se converte em uma “história da hermenêutica” a partir do trabalho desenvolvido por Vico no início do século XVIII (p.57). É preciso, então, indagar sobre o processo de elaboração de uma Ciência dedicada ao estudo da consciência primitiva, cujo produto seja o conhecimento de “determinados fenômenos históricos” segundo a “lógica da sua reconstrução ‘linear’ ” (p.58).

O autor elege a linguagem como o elemento chave para a compreensão do procedimento metodológico de Vico, que, não foi totalmente estranho ao racionalismo, pois é esta filosofia que permite a problematização do saber histórico, “a reflexão de Vico não se firma, sobretudo contra, ou distante de Descartes – (...) – mas também com Descartes” (p. 84). Outro aspecto notável na metodologia de Vico é a concordância a respeito da pluralidade dos métodos para a construção da ciência histórica, algo peculiar à cultura européia dos séculos XVII e XVIII. Essas vias – o cartesianismo e a pluralidade metodológica – remetem o leitor da ciência histórica para o estudo da linguagem, o campo filológico é o campo histórico por excelência.

Na fundamentação da ciência histórica, o direito natural é abordado com o propósito de elucidar a linguagem dos antigos, que é a expressão fiel e original do pensamento bárbaro dos tempos fabulosos. Neste aspecto, Vico foi influenciado pelos jusnaturalistas e, em especial, por Hobbes. Em linhas gerais, essas foram as orientações metodológicas que possibilitaram a Vico o trabalho de interpretação histórica dos tempos obscuros.

O terceiro capítulo, “A humanidade de Vico entre as selvas e as cidades. Os inícios da história da civilização no *Diritto Universale*”, acrescenta outra característica determinante do pensamento de Vico,

trata-se do humanismo. Vico foi o ápice do humanismo, contudo, no pensamento de Vico as teses humanistas estão associadas aos progressos obtidos pelos modernos. Dessa síntese resultou o humanismo radical de Vico. A história da civilização ilustra bem esta fusão de humanismo com racionalismo, na qual a ação humana é o motor da história, tal tese é confirmada com a leitura atenta da obra *Diritto Universale*, publicada entre 1720 e 1722.

As relações conceituais passíveis de serem estabelecidas entre Vico e Pierre Bayle (1647-1706), filósofo francês radicado em Rotterdam, é o objeto de estudo do quarto capítulo, intitulado “Sobre Vico e Bayle”, aqui a tônica do texto é a tentativa de elucidação do conhecimento e emprego por parte de Vico “das idéias e argumentações baylianas” (p.166). Muito provavelmente, Bayle é a referência da afirmação categórica de Vico, apresentada no parágrafo 331 da *Ciência nova* de 1744, de que o mundo histórico foi feito pelos homens. Os dois filósofos foram ardorosos defensores da natureza racional do homem, desde os primórdios do mundo (p. 199).

O juízo histórico é outro traço comum das obras dos dois filósofos. Bayle – antes de Vico – analisava os relatos escritos dos fatos históricos com o propósito de asseverar a possibilidade ou a impossibilidade do fato descrito. Antes de discutir sobre a verdade, é preciso atentar para a possibilidade ou a impossibilidade de determinados eventos históricos; agindo dessa forma, a investigação histórica elimina os absurdos e as imposturas dos falsos doutos, deixando para o historiador apenas os acontecimentos mais significativos e merecedores da atenção do pesquisador.

O último capítulo do livro, “Os estudos viquianos de Pietro Piovani” é a justa homenagem de Nuzzo ao grande estudioso de Vico da segunda metade do século passado. Contudo, não é possível projetar a verdadeira dimensão do trabalho de Piovani em apenas um capítulo do livro, por isso, aqui não houve “a ambição de reconstruir a densa trajetória da meditação de Piovani”, mas, o autor tentou “avançar com algumas observações relativas à pergunta – imposta pelo tema – do por quê Vico, viquianamente ‘devia’ ser (ou melhor, viquianamente “tornar-se”)o seu *autor*, ou se quiser, o maior dos seus ‘autores’ ” (p.244).

O último capítulo é leitura indispensável para os pesquisadores da obra de Vico, não só pela apresentação dos trabalhos dedicados ao filósofo napolitano, mas, principalmente, porque neste capítulo são debatidos os procedimentos adotados por Piovani para o desenvolvimento do seu trabalho de investigação filosófica, que conseguiu colocar como interlocutores de Vico “as vozes dos maiores pensadores da modernidade, de Galileu e Descartes a Kant e Hegel”, e, prosseguindo, Nuzzo afirma que Piovani “deixou com efeito, generosamente espalhada na sua vasta produção, uma verdadeira e própria história da filosofia” (p. 274).

Este livro é destinado não apenas ao acervo das obras indispensáveis para a pesquisa sobre Vico, ele é também de grande valor para a disciplina de Filosofia da História. O autor teve o cuidado de apresentar, em todos os capítulos, a história e o historicismo como temas da filosofia moderna, o texto de Nuzzo priorizou Vico, porém, tantos outros nomes da filosofia moderna são discutidos e inseridos no quadro constitutivo da filosofia da história como disciplina filosófica na modernidade.